

UMA HISTÓRIA INCRÍVEL

A GISÉLIA

— Ouço os passos do abominável Jarmiro que, trajando o cavour de cor indefinida, vem empurrar minha cadeira pela porta adentro. São ordens de Isabel. Ela vive no quarto escuro, com os fantasmas dos soldados paraguaios. Não mostra o rosto a ninguém, mas sua voz de vidro moído retumba por toda a casa, dando ordens a Jarmiro. Ele executa suas ordens com um riso de certa malignidade nos lábios. Isabel puxou à mãe; tem o mesmo hábito pelos vestidos negros e sem ajuste certo no corpo, os olhos redondos, as mãos ossudas e a alma impenetrável.

Exigiu que meu banho fosse dado, vivesse eu pelos séculos dos séculos, sempre às quatro e meia da tarde. As mãos gosseiras de Jarmiro arranham-me na tentativa de retirar o limo crepuscular que se gruda irremediavelmente à minha pele. Não adianta nada, e ele sabe disso.

Pelas janelas abertas, os crisântemos e as begônias do pátio parecem travar uma guerra surda contra o perfume do quarto de Isabel. Ali, entre baús repletos de papéis, ela destila, em seus cadinhos secretos, a substância que, aos poucos, irá nos consumindo.

— O seu chá — diz Jarmiro, enquanto deposita o bule esmaltado sobre a mesa. Vem, empurra a cadeira, e suas rodas abrem dois sulcos paralelos sobre o tapete. A fumaça é tênue e cheirosa. Mas procuro ignorar o sabor do líquido que invade meu mundo. Posso ouvir os gemidos de Isabel que crescem, pouco a pouco, até explodirem numa descarga de impropérios. Terá o ataque de nervos, inevitavelmente.

Assim que o sino der a sétima badalada, Jarmiro abrirá a segunda gaveta do armário e entrará no quarto escuro, levando as amarras para atá-la junto à cama. Mas os fantasmas não deixarão que ela fique imóvel por muito tempo. Quando o odiável Jarmiro me trazer o livro, eles irão desamarrá-la. Suas vozes (a de Isabel e a deles) entoarão uma obscura cantilena. E Jarmiro, como sempre, marcará o compasso, estalando os dedos dentro dos bolsos do cavour, a me olhar, como se visse em mim o unicórnio; ou então Mestre Jonas, recém-saído da baleia.

Há qualquer coisa de mágico quando toco o volume que o odiável criado coloca diante de mim. Peço que aproxime a vela, entretanto, ele não se mexe. São ordens de Isabel. Hoje estou a reler Proust, o primeiro tomo: Du Côté de Chez Swann. A vela não tem consistência para durar muito. Não posso entender que misteriosa substância Jarmiro emprega na confecção de suas velas, além da cera e do pavio. Mesmo o odor é distinto daquele que têm as velas usadas pelo Padre Atanágua. Lembra-me, não sei porque, o incenso nas brasas rubras, elevando-se em fumaça e a despertar recordações tão antigas quanto a vergonha. Já quase extinta, a vela deixa o ambiente da sala com aparência sublimada; meus olhos desprendem-se da página em que me encontro. Já as mãos do criado agarram com ágeis presas caninas o volume.

*

Despertei, há alguns minutos, com a sensação de que minha cabeça estava debaixo da cama. Com efeito, ao abrir os olhos, o quarto em que estava não era o meu. O Cristo sem braços (Jarmiro decepou os braços de madeira, numa tarde lamacenta de outubro) não se encontrava na parede; não pude ver a cadeira-de-rodas ao lado, nem a mesinha, onde fica a bilha d'água. Efetivamente, pensei, minha cabeça está debaixo da cama. Mas estava apenas sonhando. Fiz tal esforço para despertar que, num passem de mágica, cada coisa do quarto voltou ao seu lugar. Minha alma respirou aliviada.

Lembro-me que, durante a guerra, tive um sonho semelhante. A lâmina fria de um paraguaião acordou-me com sua alma de metal. De dentro do sonho atirei e o soldado inimigo caiu do

meu lado e ensopou de sangue minhas calças. Uma dor lancinante mostrou-me que o braço esquerdo ostentava um corte longitudinal de quase dez centímetros. Peguei o sabre que me ferira e o enterrei na garganta que jazia sobre a terra. Era um rapaz de farta cabeleira negra, uns olhos venenosos e dentes podres. Parecia trazer um anúncio de morte no rosto azeitonado. Talvez com seu golpe tenha demonstrado para mim toda a decepção de seus ancestrais índios diante da arrogância devastadora dos dominadores ávidos de metais. Quando voltei, a terrível úlcera ainda estava viva como uma rosa. Meses depois, me curei empregando o método de beber diariamente água ou vinho num cálice fabricado de terra milagrosa. A terra selada foi o medicamento usado para curar as feridas de Filoctetes, herói da guerra de Tróia. Comprei o cálice de um cigano que vagava com sua caravana pelo mundo. Li, por aquela época, algumas obras de Paracelso sobre o tratamento das feridas. Desde então, nasceu em mim uma paixão cálida e radiante por aquele espírito inovador e de vanguarda. Jarmiro, por puro farisaísmo, esboça um riso sardônico e, às vezes, diz: «Eis aí o nosso Teofrasto de Honhenheim.» Não digo nada, me calo. Ele desconhece qualquer coisa acerca dos meus estudos. Lonitzer dizia que fortalecer o coração é uma virtude do ouro. Afirmava também que eram grandes suas virtudes contra a lepra e a tinea. Mas quando Isabel e ele ouvem o que, às vezes, digo, juntam-se num duo que explode em gargalhadas. Penetram-me, e suas gargalhadas de água viva tornam-me incapaz até de sofrer. Não! Quando saio do estado de letargia, grito: Não, não sou o cidadão de Einsiedeln, arredores de Zurique; sou apenas o simulacro de um velho quase centenário, torturado pela filha louca e um criado que tem menos de homem que uma centopéia.

*

Derrotar Solano Lopez, é uma ordem, grita Isabel. Os fantasmas repetem em coro: derrotar Solano Lopez, é uma ordem! Curvo-me um pouco na cadeira, pois uma dor aguda revira meu corpo, em ondas de remorso. Respiro com dificuldade o ar da manhã. O corpo de Jarmiro ganha um aspecto grandioso contra

a luz da janela. De braços cruzados, apenso ao peitoral, ele me espreita. Isabel insiste com os fantasmas: derrotar Solano Lopez, é uma ordem. Ele estuda-me as rugas da testa. Ele tem consciência que lágrimas não tardarão a se cristalizar em meu rosto. E ele ri. Isabel o chama; ele corre entre as bananeiras que vão surgindo na casa, embrenha-se na mata do quarto escuro, rompe a centena de cipós invisíveis que os separam e possui Isabel. Ela grita de maneira hedionda. Leva-me novamente ao campo de batalha e a cicatriz do braço esquerdo parece se abrir ruidosamente como as rosas matinais. Rosa Mística, murmuro, e certa paz me acalenta. Rosa Mística, repito. Procuo não ouvir os gritos. Rosa Mística, Torre de Davi, Casa de Ouro... E meus olhos se transformam numa enorme clepsidra.

*

Agora o silêncio é agudo e causa certo medo. Em cada canto da casa, a poeira secular se acomoda. Minhas costas deixam de ranger e dão lugar ao minuto reticente. Há momentos em que admito a existência do silêncio pétreo. Daí me vem uma sensação de perda e impossibilidade. Solto uma palavra que soa mal, tem o som oco das dunas sazonais e é triste e triste e triste. As aranhas tentam tecer teias inefáveis pelos labirintos de minha memória; não duram muito nesse trabalho moroso. Não têm suficiente resistência para suportar o fogo brando do remorso.

Fixo o olhar na estampa da parede. «O sarcófago de Medéia. O velocino de ouro. Cento e oitenta anos depois de Cristo, pleno Império Romano. Museu de Antiguidades, Basiléia.» É o que leio atropeladamente na estampa. A clepsidra de meus olhos marca duas horas de uma tarde pura. Rosa Mística, minha fala é suave. Arca da Aliança, o mundo está quieto. Torre de Davi... Enquanto Isabel e Jarmiro dormem num abraço férreo, a solidão, minha companheira inevitável, vem com sua foice, ceifando as ervas da alegria que tentam, desajeitadamente e em vão, crescer no meu corpo estéril e deserto. Mater Inviolata, Mater Intemerata, Speculum Justitae, Auxilium afflictorum, Agnus Dei qui tollis peccata mundi, exaudi nos, Domine.

*

